

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA: A VISÃO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS, EM RELAÇÃO A VIDA
FINANCEIRA FAMILIAR****FINANCIAL EDUCATION: THE VISION OF YOUNG UNIVERSITY STUDENTS IN RELATION TO
FAMILY FINANCIAL LIFE**Luciane Drebel¹Rosiane Oswald Flach²Sadi Jose Reckziegel³Rafael Ferla⁴Leonei Rother⁵**Resumo**

A educação financeira é uma ferramenta valiosa na qual os indivíduos recebem informações, orientações e concepções referentes ao comportamento financeiro, com o objetivo de auxiliar os usuários ou consumidores na boa gestão de seus recursos financeiros. O objetivo principal deste artigo é analisar a visão de jovens universitários devidamente matriculados em Instituições de Ensino Superior do Oeste de Santa Catarina. Para tanto, abrange estudantes de diferentes cursos, com o intuito de entender a visão dos universitários sobre a vida financeira familiar em aspectos de consumo, crédito, investimentos e tomada de decisão. Metodologicamente, trata-se de um estudo de natureza teórica empírica, descritivo quanto ao seu objetivo e quantitativa quanto aos seus resultados, cuja forma de aplicação se deu por meio de questionário. Desta forma, o conhecimento financeiro do público alvo e a sua concepção referente ao conhecimento e a gestão financeira familiar foram analisados. Os resultados da pesquisa apontam que os jovens são interativos na gestão familiar e possuem um conhecimento seguro sobre a importância e a aplicação dos recursos financeiros. Além do mais, os jovens relatam que suas famílias possuem um bom nível de conhecimento e aplicação da educação financeira, tornando as famílias adimplentes perante o mercado. No entanto, estudar e difundir a educação financeira tornam-se necessários, porque o planejamento financeiro participa ativamente no desenvolvimento pessoal e familiar, refletindo na economia e no meio social de um país.

Palavras-chave: Educação financeira. Educação financeira familiar. Jovens Universitários.

Abstract

Financial education is a valuable tool in which individuals receive information, guidance and concepts referent financial behavior, with the aim of helping users or consumers in the good management of their financial resources. The main objective of this article is to analyze the view of university students duly enrolled in Higher Education Institutions in the West of Santa Catarina. To this end, it includes students from different courses, with the aim of understanding the view of university students on family financial life in aspects of consumption, credit, investments and decision-making. Methodologically, this is a study of an empirical theoretical nature, descriptive as to its objective and quantitative as to its results, which was applied through a questionnaire. In this way, the financial knowledge of the target public and its conception regarding knowledge and family financial management were analyzed. The survey results indicate that young people are interactive in family management and have a secure knowledge of the importance and application of financial resources. Furthermore, young people report that their families have a good level of knowledge and application of financial education, making families able to the market. However, studying and disseminating financial

¹ Graduanda de Administração do Centro Universitário FAI. E-mail: luciane.drebel19@gmail.com

² Professora do curso de Administração do Centro Universitário FAI. E-mail: rosiane@uceff.edu.br

³ Professor do curso de Administração do Centro Universitário FAI. E-mail: sadi@uceff.edu.br

⁴ Professor do curso de Administração do Centro Universitário FAI. E-mail: rafaelferla@uceff.edu.br

⁵ Mestrando em Ciências Contábeis e Administração. Professor do Centro Universitário Uceff-Itapiranga. Email: leonei@uceff.edu.br

education become necessary, because financial planning actively participates in personal and family development, reflecting on the economy and social environment of a count

Keywords: Financial education. Family financial education. Young University Students.

Introdução

A ausência do conhecimento financeiro leva as pessoas a decisões menos eficazes e racionais. Além disso, as pessoas são facilmente manipuladas e viram reféns a diversos conceitos e produtos financeiros ofertados a todo momento pelo mercado, implicando na educação financeira como um dispositivo crucial no que tange às decisões financeiras de um indivíduo (JONSSON; SÖDERBERG; WILHELMSSON, 2017).

Assim, diante do progresso tecnológico, da informação e do avanço constante de organizações, por meio da mídia e da globalização, povos de distintas culturas vem sendo cada vez mais influenciados e instigados pelos apelos de consumo que ofertam produtos e serviços abundantes que prometem, muitas vezes, uma falsa expectativa de atender suas necessidades e desejos. Perante este cenário, a educação financeira vem sendo um importante aliado para que a sociedade em geral gerencie seus recursos financeiros e controle seus gastos de uma forma mais eficiente e consciente, resolvendo problemas de gastos desnecessários e até mesmo de endividamentos (SILVA, et al, 2018).

Ainda, analisar os aspectos financeiros, de consumo e de crédito não é apenas prática desse século. Na idade média, mesmo não usando propriamente o termo educação financeira, ela já era aplicada. Já havia a preocupação das finanças em muitos contextos. Falar e pensar sobre o tema, sem estudar e entender o assunto, torna-se uma tarefa quase impossível para desenvolver as práticas da gestão financeira (SILVA, et al, 2018). Além do mais, o planejamento financeiro deve estar adequado à realidade do indivíduo e alinhado a objetivos e metas específicas, evitando, assim, a busca por crédito desnecessário. Quanto mais cedo ocorrer essa conscientização na vida do jovem, mais chances ele terá de adquirir uma estabilidade financeira (SILVA, 2019).

Entretanto, o consumismo, quando não levado de forma coerente, pode provocar uma momentânea sensação de felicidade, que não é real (MOURA, 2018). As questões financeiras, de consumo, de crédito, de investimentos não partem apenas de impulsos ou questões psicológicas e emocionais, mas principalmente de boas práticas, com o uso adequado do dinheiro. O ser humano aprende a gerir aspectos financeiros por meio da

educação financeira, educação que se faz necessária ao longo de toda vida dos indivíduos (GOUVEIA, 2019).

Ocorre que, capacitar financeiramente as pessoas desde a sua jovialidade, é um ponto indispensável para que tenham a chance de se tornarem seres humanos mais ajuizados e coerentes com suas escolhas financeiras (MAGALHAES; MONTREUIL, 2019). Assim, a ideia da educação financeira é formar o indivíduo financeiramente no que se refere ao planejamento e a utilização correta da gestão de recursos monetários, que o ajudará em tomadas de decisões saudáveis, que fará com que o mesmo consiga poupar e investir dentro de uma mesma proporção, permitindo, assim, uma vida financeira mais tranquila, tanto no presente como no futuro (MORAES, 2019).

A educação financeira serve para as pessoas não entrarem em um estado financeiro de endividamento. Existem inúmeros motivos que levam a um alto índice de endividamento, como, por exemplo, o aumento gradativo do desemprego, a inflação, a falta de orçamento familiar e, principalmente, a ausência da educação financeira como a causadora maior do endividamento. Na sociedade atual, ainda há uma resistência na implantação da educação financeira e, ao contrário do que os indivíduos pensam, ela não apenas serve para contar gastos e diminuir despesas. Ela é muito mais significativa do que isso. É a partir da educação financeira que é possível compreender quais atitudes devem ser tomadas para a obtenção de um futuro próspero e, conseqüentemente, uma saúde financeira positiva, que pode perpetuar por toda vida (MURAKAMI; SOUZA; CARON (2020).

Ainda assim, a educação financeira é um assunto extremamente fundamental para estudo, visto que, perante a economia, adquirentes educados financeiramente utilizam produtos e serviços adequados ao seu perfil, com base em tendências exigidas no mundo atual. O estudo da educação financeira auxiliará as pessoas na assertividade na hora de adquirir um bem, incentivando e desempenhando um papel de monitoramento de mercado, que refletirá na eficiência do método financeiro adotado pelo indivíduo (CABRAL, et al, 2020).

Além do mais, quando a gestão dos recursos financeiros é bem-feita, as famílias controlam seus gastos, poupam dinheiro e até mesmo organizam projetos, objetivos, realizações de sonhos, como a compra de um carro, de uma casa, terreno, viagem, entre outros tantos exemplos. Para tanto, é relevante estabelecer metas e trabalhar para atingi-las de forma correta, buscando sempre a concretização do que se deseja alcançar. Tudo isso só é possível com planejamento (DIAS; SANTOS, 2020). Segundo Royer et al (2020), os jovens

possuem conhecimento sobre como a educação financeira impacta na vida pessoal e na vida familiar, e sua importância para projetos futuros. Porém, na prática, o planejamento financeiro fica a desejar, pois, muitas vezes, não é feito o esforço necessário para uma vida financeira equilibrada, ou a educação financeira ainda não é uma realidade familiar.

Diante da discussão, este trabalho apresenta como questão problema: Qual a visão dos jovens universitários em relação a questão financeira familiar, nos aspectos de consumo, crédito, investimentos e tomada de decisão? E para responder a questão, tem-se como objetivo: **analisar a visão dos jovens universitários em relação à vida financeira familiar, nos aspectos de consumo, crédito, investimentos e tomada de decisão.**

Vale destacar que, no Brasil, infelizmente, ainda não é um hábito fazer o uso de um planejamento financeiro, tanto pessoal quanto familiar, muito menos ainda falar sobre dinheiro no âmbito familiar. Um grande percentual de pais acredita que crianças, adolescentes, jovens e dinheiro não são assuntos que se complementam e que, em se tratando desse assunto, pode-se abrir espaço para outras diversas situações. A educação financeira não significa, necessariamente, apenas ensinar seu filho a economizar. Ela é muito mais ampla e útil. Ela serve para aprender corretamente como fazer o manejo do dinheiro em busca de uma vida mais próspera. A ausência do conhecimento e da prática da educação financeira pode causar grandes prejuízos pessoais e familiares. Para tanto, a temática financeira se torna extremamente relevante, ainda mais com jovens estudantes universitários, pois, no atual cenário econômico, a atitude de controlar entradas e saídas é uma questão de sobrevivência. Quanto mais jovens e famílias souberem usar esta ferramenta, melhor será a sociedade como um todo (SCHMITZ; PIOVESAN; BRAUM, 2021).

Portanto, esta pesquisa torna-se essencial para a sociedade, academia, famílias e empresas, visto que a educação financeira é imprescindível por ser uma valiosa ferramenta de proteção. Um exemplo notável é a pandemia do Covid-19. Todas as pessoas, famílias e empresas, direta ou indiretamente, tiveram que se adequar à nova realidade para terem escudos e enfrentar as dificuldades que foram surgindo. Assim, é expressiva a importância da atuação dos pais na educação financeira de seus filhos, desde a infância, para que cheguem na vida adulta com discernimento necessário para enfrentar as tomadas de decisões com tranquilidade e um planejamento eficaz (BARBOSA, et al, 2021). Desta forma para compreender o objetivo do trabalho a fundamentação teórica traz conceitos e resultados de pesquisa acerca dos temas educação financeira, educação financeira familiar no âmbito familiar e os aspectos de consumo e tomada de decisão.

Marco teórico

A fundamentação teórica subdivide-se em três tópicos: O primeiro argumenta sobre a educação financeira como um todo; O segundo inicia um debate sobre a educação financeira em âmbito familiar, como as famílias estudam e aplicam o assunto; E o terceiro traz os aspectos de consumo e tomada de decisões.

A educação financeira

A educação financeira é favorável a todas as pessoas, independente da renda. Ela existe para auxiliar as pessoas na administração de recursos e, para os jovens que estão iniciando no mercado de trabalho, ela pode ser um ótimo meio para planejamento e poupança, de modo que suas despesas e receitas fiquem controladas. Além disso, ela vem para auxiliar as famílias a poupar, dando a oportunidade de ter melhores condições para a educação dos filhos, para obterem, um plano de saúde e uma vida mais estável, entre outros benefícios. Os trabalhadores mais experientes também podem ser beneficiados, de modo que sejam capazes de ter uma poupança suficiente para uma boa aposentadoria e habilidades necessárias para fazer boas escolhas de investimentos, garantindo, assim, seu conforto e segurança na terceira idade (OCDE (2005).

Além do mais, a educação financeira é conhecida como um processo no qual os consumidores e investidores utilizam a informação para desenvolver habilidades e se tornarem mais conscientes e experientes para uma boa gestão financeira (OCDE/CVM,2005). Portanto, ao se falar em educação financeira, devemos ter em mente de que vai muito além de meras informações. Ela deve ser acompanhada para que os indivíduos tenham a segurança necessária em seus atos de consumo, melhorando a compreensão sobre os produtos financeiros e os riscos em aquisições sem o devido planejamento. Nessa perspectiva, a educação financeira é conhecida por ser um processo de construção de atitudes, como um caminho para facilitar e auxiliar o processo de tomada de decisões. Conseqüentemente, essa boa gestão ajudará o indivíduo em seus planejamentos individuais, familiares e em sociedade, e implicará diretamente no melhoramento do sistema financeiro do país ao qual está inserido (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007).

A importância da educação financeira está baseada em um bom planejamento financeiro. É notado no estudo de Peppe (2015) que, numa revisão bibliográfica, realizou um estudo de comportamento financeiro dos jovens, em que os mesmos apresentam certas limitações e dificuldades com a utilização do dinheiro. Embora o assunto seja abordado pelas mídias e propagandas, o assunto é muito carente no âmbito escolar, impossibilitando a boa gestão e administração consciente de seus proventos, como o uso correto de um cartão de crédito, por exemplo. Muitos jovens não sabem analisar o impacto dos juros com faturas atrasadas e acabam entrando num cenário conhecido como endividamento. Outro pilar importante para uma boa aplicabilidade da educação financeira é o conhecimento em matemática financeira. Segundo Barradas (2016), a ferramenta é muito importante na vida adulta, contribuindo significativamente na construção de conhecimentos no dia-a-dia, e em aplicações no seu convívio social e familiar. Possibilita, ainda, que o indivíduo tenha entendimento quanto ao binômio receita e consumo.

Nos estudos dos autores Visentini e Weingartner (2018), em pesquisa aplicada em questionário com o objetivo de verificar qual o grau de instrução financeira de uma amostra de adolescentes e seus conhecimentos com noções financeiras, os autores identificaram que a grande maioria dos jovens adquirem conhecimentos básicos de finanças e participam de discussões familiares. Os autores ressaltam que é importante os jovens estarem cientes e por dentro do que acontece no mundo financeiro e na gestão familiar, pois quanto mais cedo souberem dos problemas inerentes às finanças, mais aptos estarão para enfrentá-los e solucioná-los no futuro, não havendo desestruturação na vida adulta.

Conforme estudo de Pessoa, Junior e Kistermann (2018), com a chegada do século XXI, as iniciativas para fomentar a Educação Financeira estão crescendo não apenas em nível nacional, mas se nota uma preocupação mundial quanto ao tema. Desta forma, vem crescendo o apoio de diversos agentes econômicos, tanto agentes públicos como privados. Além do mais, diversas áreas têm se interessado pela Educação Financeira, como: Economia, Administração, Contabilidade, Gestão, Educação, Ensino, Matemática, Psicologia e Marketing. Cada área com seu interesse específico, umas buscam entender os comportamentos dos consumidores, outros buscam incentivar e ensinar sobre aplicações financeiras e a importância de formar reserva.

Outro ponto importante a se observar é que no Brasil, conforme cita Hayashi e From (2019), de modo geral, pesquisas comprovam que a educação financeira é um assunto muito pouco explorado ainda. Isso porque, na maioria das vezes, as pessoas apenas adquirem

conhecimentos financeiros na prática, ou seja, mesmo não familiarizado com os produtos e serviços, o adquirem, colocando sua renda e a renda familiar em risco.

Nesse viés, Wataya, Frauches e Bergamo (2020), buscaram estudar, por meio do Projeto Gestão Financeira na Palma da Mão, o desequilíbrio e a falta da educação financeira, ou seja, buscaram compreender porque os jovens não aprendem a viver de acordo com a sua renda gerada. O estudo foi baseado em métodos quantitativos e qualitativos, aplicado em 150 alunos de uma universidade em São Paulo, que se candidataram para o projeto. O projeto contou com aulas práticas, usando Smartphones com Android para acesso aos aplicativos de finanças, com diversos temas relacionados a educação financeira. Após aplicados todos os módulos, concluíram que os ensinamentos resultaram em demandas de jovens que buscam maiores conhecimentos, para poder melhorar suas escolhas relacionadas ao uso do dinheiro, em longo, médio e curto prazo.

De acordo com Sarmiento (2021), é importante entender que a educação financeira está atrelada ao comportamento do consumidor, seus hábitos e costumes. Desta forma, acredita que é muito importante que a educação financeira esteja presente nas salas de aula. Isto porque, introduzindo o tema nas escolas, as novas gerações já crescerão com capacidade de disseminar sobre a importância da saúde financeira para o futuro, gerando hábitos de poupar, investir, e uma boa gestão da própria renda.

Para uma boa introdução do tema nas escolas, segundo Assis, et, al, (2021), é necessário que os professores estejam preparados para tal desafio, que é ensinar sobre a Educação Financeira, e os meios para se ter uma boa gestão financeira no âmbito escolar, para que crianças e adolescentes tenham a possibilidade de estudar e compreender assuntos como finanças e economia, por exemplo, tornando-os qualificados a analisar, fundamentar, se posicionar e tomar decisões, em sua vida pessoal, familiar e em sociedade.

Por fim, segundo Gonçalves, Campano e Moreira (2021), a educação financeira nas escolas é um tema que vem ganhando ênfase nos últimos tempos. Com a implantação do Decreto Federal n. 7.397/10, foi criado a Estratégia Nacional de Educação Financeira- ENEF, que possui um programa de Educação Financeira para as escolas públicas, em parceria com o Ministério Federal da Educação e Secretarias Estaduais e Municipais.

Além dos incentivos da ENEF para fomentar cada vez mais o tema nas escolas, conclui em sua pesquisa que é de suma importância a participação dos pais, responsáveis por ensinar seus filhos sobre a importância da disciplina para um futuro próspero. As atividades familiares que introduzem o envolvimento das crianças, fazem com que adquiram

raciocínios matemáticos e econômicos, fazendo com que a criança saiba diferenciar preços e valores dos produtos e serviços que planejam adquirir, tema este que será aprofundado no próximo tópico.

Educação financeira no âmbito familiar

Diante da discussão da educação financeira familiar, muitos jovens consideram seus pais ou responsáveis não conhecedores do assunto educação financeira, ou que “não sabem de nada”. Porém, os jovens reconhecem algumas habilidades financeiras no meio familiar (BOWEN, 2002). As crianças aprendem sobre questões de finanças por meio da observação, imitação e da prática (CLARKE, et al, 2005). O comportamento dos pais ao discutir assuntos financeiros com seus filhos e a sua orientação para um consumo consciente, impactará no comportamento financeiro dos seus filhos na idade adulta (WEBLEY; NYHUS, 2006).

Para a eficácia de uma boa educação financeira aos filhos, é necessário que os ensinamentos sobre o tema comecem por volta dos dois a três anos de idade, isto porque, nessa idade, a criança aprende a pedir que os pais comprem algo que ela deseja. A mesada é uma opção de educação financeira infantil, com limites e períodos estabelecidos. Outra forma de complemento é criar hábitos de poupança, como guardar dinheiro em cofrinhos, por exemplo, para que, desde cedo, as crianças aprendam a importância de poder comprar pequenas coisas com o dinheiro que ela mesma guardou. Desta forma, na medida que a criança vai crescendo, esses hábitos já estão inclusos em sua vida, tornando-os jovens mais capacitados para sua própria administração financeira (OLIVERI, 2013).

Nesse sentido, pode-se dizer que as finanças pessoais estão fortemente ligadas a estrutura familiar, sendo necessário que os pais entendam os comportamentos dos filhos e a geração em que eles se encontram, para achar a melhor forma de interação e comunicação, uma vez que uma boa relação afetiva com os filhos influencia diretamente na vida financeira (FERNANDES; CANDIDO, 2014)

Um grande obstáculo para os consumidores e crianças, segundo Santos, Menezes e Rodrigues (2016) é a persuasão de marketing em campanhas publicitárias na televisão e sites que são destinados ao público infantil, como propagandas de brinquedos e outros bens por exemplo, que são apresentados de tal forma que a criança acredita ser necessário para ela a compra daquele brinquedo. Desta forma, é necessário que a família, desde cedo, apresente às crianças valores éticos e conceitos sobre o que é fundamental, necessário, e o que é

supérfluo ou desejável. O autor enfatiza que, se as crianças crescem com a sensação de que podem ter tudo que desejam, possivelmente, na vida adulta, terão dificuldades de administrar suas finanças. Ressalta-se, nesse sentido, a importância de tratar o assunto também na escola, para que sejam desenvolvidas estratégias que favoreçam e priorizem opções de consumo saudáveis para a vida financeira, desenvolvendo, dessa forma, o raciocínio para controlar impulsos

Os pais devem ser, segundo Nunes, Silva e Costa (2018), exemplos a serem seguidos. As crianças que vivenciaram problemas, como descontrole e consumo excessivo, acabam por atribuir grande ou demasiado valor ao dinheiro e à riqueza na vida adulta. Outras já caminham na direção oposta, transformando-se em grandes gastadores, comprando tudo o que podem, assumindo uma vida exatamente oposta à dos pais. Os autores destacam, ainda, que os pais que ensinam os filhos a pensarem a longo prazo, entendem que a educação financeira ensinada na infância resultará em adolescentes e adultos conscientes sobre o valor das coisas, e que poderão planejar estrategicamente no que gastar e no que investir.

A importância da educação financeira na família é evidenciada por Feil e Sehn (2018), ao identificarem que a realização de um bom orçamento familiar exige muita disciplina, e que a família deve se organizar financeiramente, apresentando-se como ponto principal para sua harmonia. Problemas financeiros são uma das maiores causas de dificuldades em relacionamento familiares. Independente de classe social, é essencial o controle financeiro para uma vida saudável. O planejamento orçamentário familiar deve ser constante. A demonstração das receitas e despesas denotam a real situação financeira da família. Também pode se inferir que, independente da classe social que a família está inserida, o controle financeiro é essencial para uma vida saudável. Quando o assunto é controle financeiro familiar, é fundamental a participação e o comprometimento de todas as pessoas envolvidas para realização de objetivos. Ainda através do estudo, os autores observaram que o planejamento orçamentário familiar é essencial para a organização das finanças que, através e um controle financeiro adequado, proporcionará maior segurança e mais tranquilidade para o futuro das famílias.

Nesse sentido, é importante que os pais ensinem aos seus filhos quando jovens a terem um bom planejamento financeiro, para evitar o endividamento. Ferrari, et al, (2018) complementa que o planejamento deve ser feito antes de agir, ou seja, um estudo antecipado da tomada de decisão. Nessa fase, é importante controlar seus gastos mensais por meio de ferramentas, possibilitando uma visão mais abrangente das receitas e gastos da

família. Apresentando a realidade da família para os filhos, consegue-se demonstrar quais pontos são possíveis de economizar, que auxiliam na formação de um patrimônio estável, que transmite segurança do dia a dia da família, fazendo com que a família aja de forma mais tranquila e coerente diante das adversidades financeiras. Quanto ao endividamento, é importante que os gastos mensais não ultrapassem 30% da renda familiar.

Confessor (2021), constata que o primeiro passo para utilizar quaisquer ferramentas da economia familiar, é definir os objetivos de curto e longo prazo. Objetivos de curto prazo estão relacionados a esforços que serão alcançados em até um ano, como roupas, viagens, celular, por exemplo. Já os objetivos de longo prazo são aqueles que serão concretizados em um período maior que um ano e que envolvem valores e riscos mais elevados. São exemplos de objetivos de longo prazo: aquisição de veículos, imóveis e viagens para o exterior. Por fim, o autor recomenda que, durante a definição dos objetivos, é essencial a realização de um diagnóstico da situação financeira atual, analisando as receitas e as despesas, reserva de emergência, fazendo estimativas dos diversos cenários possíveis. Não planejar a vida financeira leva a gastos supérfluos e impede a possibilidade de obter reservas financeiras como poupanças e investimentos para a vida pessoal, que trazem segurança e garantias futuras ao indivíduo. A elaboração de um orçamento pessoal pode ser o primeiro passo para a conquista de uma vida financeira saudável.

Santos e Martinuik (2021), realizaram um estudo bibliográfico e identificaram que famílias bem estruturadas são aquelas que mais se propõem em realizar uma análise minuciosa dos orçamentos familiares, obtendo, assim, uma noção maior dos gastos que são realizados, podendo realizar uma análise mais detalhada e verificando se, de fato, esses gastos são necessários. Santos e Martinuik (2021), identificaram que, apesar das famílias mais estruturadas terem tendência a controlar de forma mais eficiente os gastos, é raríssimo encontrar famílias que possuem uma administração orçamentária espetacular, porém, há a necessidade de sempre se elaborar um orçamento adequado para a família, independente da condição financeira, respeitando seus limites de gasto e aplicação de renda, trazendo, portanto, benefícios financeiros a curto e a longo prazo, principalmente.

Já, Sousa, et al, (2022), observaram em sua pesquisa que o rendimento das famílias de baixa renda não ultrapassa um salário mínimo. Portanto, a aplicação da educação financeira é praticamente inviável, pois tudo que é produzido com o esforço de seus trabalhos é gasto com contas básicas de sobrevivência, não há uma efetivação da educação financeira pois ela fica excluída ou prejudicada. Já indivíduos ou famílias que recebem mais

que um salário mínimo, podem e devem utilizar os benefícios da educação financeira, para assim definir como aplicar e gastar, e até mesmo fazer uma reserva de emergência. Constatam que grande parte da população se encontra neste último cenário. Por conta disto, é tão importante o conhecimento e a aplicação da educação financeira, ela é benéfica a todas as pessoas e famílias, tornando-as mais satisfeitas e tranquilas em seus respectivos cenários financeiros.

Os aspectos de consumo e a tomada de decisão

O comportamento do consumidor e seus aspectos é um campo de estudo que investiga os processos ocorridos na hora da seleção da compra e, posteriormente, na utilização dos bens e serviços adquiridos pelos consumidores. O tema vem ganhando destaque no decorrer dos anos e o assunto vem se tornando cada vez mais relevante, tanto que, a partir do ano de 1970, a disciplina “comportamento do consumidor” foi trazida à grade curricular dos cursos e faculdades de Administração (SANTOS; CRUZ, 2008).

Quando se fala em consumismo, entende-se que diz respeito às decisões financeiras pessoais ou familiares, vinculadas às noções de planejamento e gestão de recursos. Como exemplo podemos citar o planejamento de realização de financiamentos, os orçamentos domésticos, as opções de crédito, as aplicações e os investimentos. Entender as relações desses tipos de planejamento com o dinheiro fará com que o indivíduo tome decisões com objetivos de criar, acumular e proteger os bens e o patrimônio conquistado ao longo dos anos (CAMPOS, 2013).

Secco, Oliveira e Amorim (2014) relatam que, tão importante quanto saber planejar onde aplicar o seu dinheiro, é saber com o que gastar. Assim, são vários os fatores que levam o ser humano à decisão de consumir. Secco, Oliveira e Amorim (2014), constataram em seu estudo que existem fatores que influenciam o processo de decisão de compra dos consumidores, tais como: fatores culturais, sociais, pessoais e psicológicos. A cultura é o principal determinante do comportamento e dos desejos da pessoa. À medida que a criança vai crescendo, ela adquire valores, percepções, preferências e comportamentos de sua família, da religião, grupos raciais, regiões, geográficas, o que pode determinar seu posicionamento na hora da compra. Outro fator é a convivência social, que está atinente à família, status, amigos, entre outros meios em sociedade.

Os grupos sociais também exercem grande influência sobre o indivíduo, o que acaba tendo um grande peso na hora da compra, pois o mesmo acaba adquirindo somente aquilo que é aceito pelo grupo, como marcas de roupas, telefones, entre outros, por exemplo. Quando um indivíduo do grupo adquire uma marca, os demais integrantes do grupo tendem a adquirir produtos da mesma marca. Outro fator importante é o fator pessoal, que tem a ver principalmente com a idade, extrato social ao qual o indivíduo está inserido, autoimagem, assim como o estilo de vida que a pessoa leva. Por fim, Secco, Oliveira e Amorim (2014), identificam o fator psicológico, que leva em consideração as necessidades do indivíduo de comer, beber, vestir, se sentir bem. Muitas vezes compram sem precisarem do produto efetivamente, só o fazem para elevar a sua autoestima e se sentir bem. O fator psicológico faz que muitas pessoas se endividem, pois a emoção fala mais alto do que a razão na hora da compra.

Num estudo realizado por Baumhammer, Silva e Costa (2017), eles buscam compreender o perfil de consumidores de smartphones, um produto com alta capacidade tecnológica, que está inserido no dia-a-dia das pessoas. Os autores relatam que o processo de decisão de compra do ser humano sempre envolve um forte componente racional. No entanto, os aspectos emocionais e/ou fantasias que o produto traz para as pessoas são fatores considerados determinantes na hora da compra. Os aspectos do consumo associados às fantasias, sentimentos e divertimento, não avaliam os produtos por aquilo que são, mas sim por aquilo que representam. Pode-se dizer que, segundo o estudo, o consumidor deixou de ser um ser econômico e racional, passando para um ser “não-econômico”, que valoriza características intangíveis dos produtos, como, por exemplo, o seu significado simbólico, que transcende a capacidade de satisfazer as necessidades físicas e psicológicas do consumidor. Ainda de acordo com Baumhammer, Silva e Costa (2017), os consumidores buscam adquirir produtos que correspondem e constroem o seu "eu", conseqüentemente a pessoa vem se transformando naquilo que consome e vice-versa, ou seja, a personalidade da pessoa está ligada muitas vezes àquilo que ela consome ou deixa de consumir.

Um fator que vem mudando o comportamento do ser humano em relação às compras é, conforme Santos e Rodrigues (2021), o comércio digital (e-commerce), que surgiu e vem surgindo em decorrência de o consumidor passar cada vez mais tempo conectado e exposto à publicidade nas mídias digitais e mídias sociais. Segundo Santos e Rodrigues (2021), a pandemia de COVID-19 fez com que o consumidor expandisse o hábito de compras na internet. No período de quarentena, a utilização de e-commerce teve um

considerável aumento no Brasil e, com advento da internet, o consumidor ficou mais exigente na hora de tomar a decisão da aquisição de algum produto/serviço. Antes de efetuar a compra, o consumidor realiza uma vasta pesquisa e considera vários fatores importantes, como por exemplo: preço abaixo do mercado, frete grátis, e possíveis descontos inseridos no final da compra. Outro fator relevante percebido na pesquisa, que faz com que o consumidor adquira de fato o produto é que o mesmo está levando cada vez mais em consideração a popularidade da marca e do produto nas redes sociais. Isto se relaciona diretamente com o aumento do uso das redes sociais pela população.

Já na hora de investir ou poupar, Santos (2021) descreve que o processo de decisão ocorre a partir de várias racionalidades por parte do indivíduo: envolve questões subjetivas, afetivas e psíquicas, que se desenvolvem ao longo da história do mesmo, além de condições estruturais, culturais, sociais e o contexto em que o indivíduo está inserido. A situação política e econômica do país também são fatores que são levadas em consideração pelo indivíduo na hora da decisão sobre investir ou poupar o seu dinheiro.

Santos (2021) revela em seus estudos que o comportamento de poupar está relacionado a uma “combinação de fatores como autocontrole, visão de futuro, motivação e metas” (FERREIRA, et al, 2013). O autor descreve que, diferentemente das pessoas de meia idade, pessoas mais jovens têm maior dificuldade de se imaginar no futuro, não se preocupam tanto com o que vai ocorrer, colocam mais energia e conseqüentemente suas economias no que está ocorrendo agora. Por essa questão, possuem uma dificuldade maior de guardar o seu dinheiro.

Infere-se que o perfil do consumidor, na hora de tomada de decisão, recebe influências internas, que são os fatores psicológicos, como aprendizado, motivação, atitudes e sobretudo a personalidade, por exemplo, e influências externas, que são: a classe social à qual o indivíduo está inserido, a família, os grupos de referência e a cultura. Ambas definem o comportamento do consumir, porém, não existe uma única forma de pensamento que define como o consumidor se comporta. Portanto, pode se concluir que pode variar muito aquilo que irá influenciar a pessoa, de fato, na hora da tomada de decisão e no desejo de consumo ou investimento. (SILVA, et al, 2021). A partir do exposto e discutido, o próximo capítulo abordará os procedimentos metodológicos que nortearão este estudo.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa apresentou como objetivo analisar a visão dos jovens universitários em relação à vida financeira familiar, nos aspectos de consumo, crédito, investimentos e tomada de decisão. Para atender o proposto, realizou-se uma pesquisa de natureza teórica empírica, descritiva e quantitativa, cuja forma de aplicação se deu por meio de um questionário. A pesquisa se classifica como descritiva quanto ao seu objetivo. Vale ressaltar que as pesquisas descritivas, segundo Vergana (2000), expõem as características de determinado fenômeno ou amostra, indicando semelhanças entre variáveis, definindo, assim, a natureza do estudo. Complementando, Gil (2010) salienta que a pesquisa de caráter descritivo, observa, analisa, registra e correlaciona as inúmeras variáveis identificadas. Ainda, se classifica como quantitativa.

A pesquisa quantitativa não só busca a verificação e validação de hipóteses mediante a utilização de informações estruturadas, dados estatísticos, com a análise de um grandioso número de acontecimentos representativos, como também quantifica dados e indiretamente generaliza os resultados de amostras para interesses (MATTAR. 2000). O público da pesquisa foram todos os jovens universitários regularmente matriculados em Instituições de Ensino Superior do Oeste de Santa Catarina. A amostra é definida por Malhotra (2012) como sendo um subgrupo de uma população selecionado para a realização de um estudo. Portanto, a amostra desta pesquisa foi composta por jovens universitários que, após assinarem o Termo de Consentimento, estavam aptos a participar. Para que o maior número de acadêmicos fosse atingido, foi encaminhado um e-mail aos Coordenadores dos Cursos, contendo o objetivo e o link da pesquisa.

O questionário foi estruturado de forma on-line no Google Forms, e sua aplicação ocorreu no período de agosto a setembro de 2022. O link de acesso foi disponibilizado em grupos de WhatsApp, Instagram, Facebook, LinkedIn, redes de contatos em geral e, para atingir o maior número de respondentes e vários perfis de jovens, o questionário também teve sua aplicação em sala, de forma presencial. Obteve-se 262 questionários, dos quais dois foram descartados, pois os mesmos não aceitaram participar da pesquisa, totalizando, dessa forma, 260 respondentes válidos. Destaca-se que não foram aceitos menores de 18 anos.

Sua elaboração se deu a partir de dois estudos, sendo o primeiro o do Prado (2015), denominado “Educação Financeira: a visão de jovens universitários sobre as finanças familiares” no qual buscou-se compreender a visão familiar destes jovens em relação aos aspectos de consumo, crédito, investimentos e tomada de decisão, e a pesquisa de Santos (2017), denominada “Educação financeira e planejamento financeiro para a aposentadoria:

um estudo com alunos de Pós Graduação”, com o objetivo de identificar se existe relação entre o nível de educação financeira e o planejamento financeiro para a aposentadoria. São vinte e sete perguntas alternativas e 4 perguntas de grau de concordância, totalizando 31 perguntas. As questões do questionário foram subdivididas em 5 blocos estratégicos: 1) Características pessoais 2) Crédito 3) Investimento 4) Características de consumo 5) Conhecimento financeiro, para melhor compreensão e análise. Além destes itens, o questionário também apresentou questões relacionadas aos aspectos psicológicos, uma vez que esses podem estar direta ou indiretamente relacionados às demais questões.

Posterior a coleta de dados, os mesmos foram processados em uma planilha no Microsoft Excel, sendo possível realizar as análises estatísticas univariadas que apresentaram valores como: média, valores mínimos e máximos observados, e porcentagem dos resultados. Uma vez tabulados, os resultados foram apresentados em formato de tabelas e analisados de forma descritiva. Salienta-se que o estudo foi aprovado pelo comitê de ética e os procedimentos metodológicos seguiram os conceitos éticos implicados na pesquisa com seres humanos, conforme descrição do Conselho Nacional da Saúde e do Conselho Federal de Psicologia, que incluem o sigilo quanto a identidade dos participantes e a adesão voluntária ao estudo, além da utilização dos dados para fins específicos do presente estudo.

Apresentação e análise dos resultados

Neste capítulo serão apresentados os dados obtidos com a aplicação do questionário, estruturado em 5 blocos estratégicos, com perguntas de múltipla escolha e grau de concordância. Os dados foram analisados de bloco em bloco, com o intuito de compreender a visão de jovens universitários em relação à vida financeira familiar, em aspectos de consumo, crédito, investimento e tomada de decisão. Nesse sentido, a pesquisa buscou identificar o comportamento financeiro familiar dos jovens respondentes em vários perfis distintos. Destaca-se que houve 260 respondentes válidos.

Perfil do respondente

A Tabela 01, apresenta os dados acerca do perfil dos respondentes, no que se refere a idade, estado civil, sexo, período do curso, se o acadêmico/a possui algum tipo de financiamento ou bolsa estudantil na Universidade e a sua renda familiar.

Tabela 01 – Perfil dos respondentes

Idade:	Quantidade de respondentes	%
Entre 18 e 20 anos	68	26,3%
Entre 21 e 25 anos	114	43,6%
Entre 26 e 30 anos	55	21,2%
Acima de 31 anos	23	8,9%
Estado Civil:	Quantidade de respondentes	%
Solteiro/a	196	75,3%
Casado/a	53	20,5%
Viúvo/a	11	4,2%
Separado/a	0	-
Sexo:	Quantidade de respondentes	%
Feminino	159	61,4%
Masculino	100	38,2%
Prefiro não responder	1	0,4%
Renda:	Quantidade de respondentes	%
Menos que um salário mínimo	30	11,6%
Entre um e dois salários	123	47,1%
Entre dois e três salários	64	24,7%
Mais que quatro salários mínimos	17	16,6%
Período do curso:	Quantidade de respondentes	%
1º ano	72	27,8%
2º ano	29	11,2%
3º ano	64	24,7%
4º ano	69	26,6%
4º ou 5º ano	26	9,7%
Possui bolsa ou financiamento estudantil:	Quantidade de respondentes	%
PROUNI	31	11,2%
FIES	58	22,3%
Bolsa pela Universidade	44	16,9%
Bolsa pelo Estado (ex: UNIEDU)	12	4,6%
Não possui bolsa ou financiamento	115	44,3%
Qual a renda familiar:	Quantidade de respondentes	%
Menor que R\$ 2.424,00	31	12%

Entre R\$ 2.425,00 e R\$ 4.850,00	119	45,9%
Entre R\$ 4.851,00 e R\$ 9.702,00	94	35,9%
Entre R\$ 9.703,00 e R\$ 19.406,00	16	6,2%

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Os resultados apontam que a maioria dos Universitários estão na faixa etária entre 21 a 25 anos, e apenas 8,9% estão com mais de 31 anos, bem como, a maioria são solteiros, correspondendo 75,3% e apenas 20,5% casados. Há predominância de respostas do público feminino, com 61,4% e apenas 38,2% masculino, o que pode ser consequência da rede de contatos da pesquisadora. Ainda, 44,3% dos jovens não possuem bolsa ou financiamento estudantil, o que quer dizer que o universitário não ingressante de uma Instituição de Ensino Superior Pública, utiliza da sua renda pessoal ou da renda familiar recursos para efetuar o pagamento de sua mensalidade. Já os bolsistas, entre bolsa pela Universidade, bolsa pelo Estado e o PROUNI, totalizam 32,7%, e 22,3% financiaram seu curso pelo FIES. Em relação a principal fonte de renda dos jovens universitários, e ainda qual a ocupação dos mesmos, é notável que a grande maioria possui trabalho formal, 86,9%, e consequentemente a grande parte trabalha como empregado formal, 67,6%. No que tange a renda familiar, 45,9% possuem entre R\$2.425,00 e R\$4.850,00 mensais, e 12% possuem a renda familiar menor que dois salários mínimos, correspondente a R\$2.424,00. Por fim, identificou-se que há uma predominância de acadêmicos que moram com suas famílias, representando 66%, ao qual se torna um meio mais economicamente viável durante o período acadêmico, ainda 20,5% residem sozinhos, 8,9% residem com colegas, e apenas 4,6% assinalaram a opção “outros”.

Cabral, et al, (2020) ao tentar compreender as características de comportamento financeiro das famílias de jovens que estudam na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, identificou que a grande parte de seus respondentes são jovens com menos de 25 anos, solteiros, que não possuem bolsa ou financiamento estudantil, e a principal fonte de renda provém de emprego regular, seguido de outras fontes, como bolsa e ajuda da família, o que pode justificar a capacidade dos mesmos conseguirem se manter em Instituição de Ensino Superior. Além disso, grande parte dos universitários ainda reside com a família, deduzindo que é o meio de maior custo benefício no período da vida dos jovens, com a divisão ou até mesmo a isenção de gastos domésticos. Assim, o próximo capítulo traz a análise do relacionamento e influência do conhecimento financeiro familiar.

Conhecimento financeiro familiar

Ao buscar compreender o envolvimento e a participação dos jovens nas decisões familiares, relativas à renda e ao consumo familiar, identificou-se uma participação ativa dos universitários, sendo que 64,2% declararam que participam, ainda, 26,5% participam eventualmente nas decisões e apenas 9,2% afirmam que não se envolvem. Outro fator de destaque refere-se ao endividamento familiar, uma vez que 72,7% das famílias costuma se endividar ou já estiveram endividadas, e apenas 1,2% sempre se encontra endividada. Com isto, foi identificado também que boa parte do endividamento familiar aconteceu ou acontece com relação ao uso do cartão de crédito 33%, 18,2% em crédito pessoal e 11,3% em consignado.

Entretanto, sobre o relacionamento com o dinheiro familiar, 45,2% dos respondentes afirmam que a família possui hábito de guardar uma parte dos rendimentos quando assim sobra, 57,5% dos jovens declaram que atualmente sobra dinheiro para realizar objetivos da família, e ainda 195 (74,7%), consideram o nível de endividamento familiar sob controle, ao qual representa um quadro positivo, pois as famílias conseguem guardar e até mesmo realizar objetivos de cunho familiar, e essa reserva de recursos demonstra que as famílias não possuem o hábito de entrarem em um estado de endividamento. Adicionalmente, Fernandes (2021), ao analisar como jovens universitários ingressantes no mercado de trabalho na faixa etária dos 18 aos 25 anos se comportam e gerem suas finanças, concluiu que a maioria dos estudantes realiza o acompanhamento mensal de suas finanças e quase a totalidade destes acham muito importante a ideia de fazer o acompanhamento. Desse modo, a conscientização atinge quase a integralidade, porém identifica-se que, apesar de existir a conscientização, infelizmente, nem todos conseguem adaptar se na prática.

Neste sentido, Laureano, Mendes e Mattos (2019), ao investigaram hábitos financeiros dos discentes do curso de Administração de uma IES, perceberam superioridade dos estudantes que utilizam o cartão de débito e o cartão de crédito para transações financeiras. Além disso, constataram que mais da metade dos estudantes tem seus rendimentos comprometidos com contas a prazo, por conta da utilização do cartão de crédito.

Já Rodrigues (2022), com o intuito de analisar o acesso ao crédito e inadimplência de jovens universitários da Universidade Federal Rural de Pernambuco, identificou um alto índice de universitários endividados. Entretanto, observou que a maioria dos universitários já fez uso dos serviços de crédito, porém, não possui altas dívidas parceladas a pagar

atualmente. Para complementar, Gonçalves (2022) analisou o controle financeiro de estudantes do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina e concluiu que os mesmos conseguem guardar uma parte de seus rendimentos todo mês. Ainda, expressivamente, notou que os estudantes acreditam que seus hábitos financeiros são provenientes pela vivência no âmbito familiar, e destacam que suas famílias também possuem o mesmo perfil de conhecimento e relacionamento com o dinheiro.

Outrossim, Ferreira (2021) salienta que os discentes entendem que a forma mais inteligente para gerir seus recursos é fazer o pagamento de seus débitos em dia, fazendo com que o jovem não entre em estado de inadimplência, evitando, assim, o pagamento de multas e juros. Observa-se um quadro animador com as questões apresentadas. Os jovens demonstraram ser participativos na vida financeira familiar, apontando bons hábitos e um nível controlado de endividamento familiar. E para melhor compreensão e investigação, o próximo capítulo expõe informações e análises, a fim de compreender o relacionamento com o dinheiro e como acontece o investimento familiar.

Relacionamento com o dinheiro e o investimento familiar

Ao investigar o relacionamento com o dinheiro e o investimento familiar, foram identificados os seguintes resultados, expostos abaixo na Tabela 02.

Tabela 02 - Relacionamento com o dinheiro e o investimento da família:

Sua família guarda parte da renda familiar todo mês?	Percentual
Discordo muito	4,2%
Discordo	14,9%
Sem opinião	23,8%
Concordo	46%
Concordo muito	11,1%
Para qual finalidade sua família “guarda” o 13 salário, férias, PRL...	%
Investe em poupança ou previdência	23,8%
Investe em outras formas de investimentos (ações, fundos...)	8%
Quita prestações em atraso	13%
Antecipa o pagamento	28%
Utiliza no período de férias	16,5%

Outros	10,7%
No caso de perda total dos rendimentos da sua família, por quantos meses você e sua família conseguem manter o atual padrão de vida:	
Nenhum	12,6%
1 a 3 meses	41,8%
4 a 6 meses	23%
7 a 9 meses	8,4%
10 a 12 meses	7,3%
Mais de 12 meses	6,9%
Você e sua família reservam parte da renda mensal, além do INSS para complemento de aposentadoria?	
Sim	39,5%
Não	42,1%
Não sei	18,4%
Se sim, qual dessas modalidades utilizam para complemento de aposentadoria?	
Poupança	44,6%
Previdência	25,9%
CDB/ Fundos/ Títulos públicos	6,5%
Ações, mercado de ações	4,3%
Outros	18,7%

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

É possível observar que 46% dos universitários apontam que suas famílias guardam uma parte de seus rendimentos todo mês, ainda 28% optam por utilizar essa reserva para fazer pagamento de débitos antecipadamente. Ainda, 109 universitários declaram que, sobre a perda total de rendimentos, a família consegue manter o atual padrão de vida de 1 a 3 meses, trazendo a preocupação das famílias com construção de reservas financeiras, quando assim possível. O que representa que há planejamento financeiro. Conforme a renda observada das famílias na Tabela 01, apesar de não terem altos rendimentos, possuem planejamento, pois ainda conseguem fazer uma reserva, auxiliando nas adversidades e situações atípicas que podem surgir.

Subsequente, como observado na Tabela 02, referente a utilização de uma parte da renda mensal para reserva para complemento de aposentadoria (além do INSS), 110 estudantes disseram que a família não possui reserva. Em contrapartida, 103 estudantes confirmaram que a família reserva uma parte dos rendimentos para complemento de

aposentadoria. Ainda, para aqueles que declararam que a família reserva fundos para complemento de aposentadoria, quase a metade destas famílias opta pela poupança, seguido pela previdência privada, que são os meios mais comuns, mais conservadores e mais conhecidos no mercado, para complemento de aposentadoria. Observa-se um baixo percentual de famílias que utilizam a modalidade de aplicações em fundos e ações para complemento de aposentadoria, o que se torna muito comum, pois para fazer aplicações no mercado de ações, necessita-se de um perfil de investidor mais arrojado e qualificado, que entenda e acompanhe o mercado de ações, pelo fato de ser um mercado de risco. Constatase que a grande parte das famílias possui a preocupação com o futuro e com a vida financeira familiar, fazendo reservas mensais, como reservas para utilização de complemento de INSS, em pluralidade com previdência privada e poupança.

Os resultados vêm ao encontro das pesquisas de Souza (2019), o qual buscou compreender a importância do planejamento financeiro na vida dos brasileiros e identificou que, no que se refere às aplicações e tipos de aplicações, a caderneta de poupança é a mais utilizada e, em contrapartida, a utilização de aplicação em fundos e ações é a menos explorada, como identificado acima. A pesquisa apontou também que, em suma, mais de 70% dos brasileiros entrevistados possuem a renda comprometida com obrigações futuras, ainda $\frac{3}{4}$ dos entrevistados não possuem contas em atraso, mesmo que possuam débitos futuros para cumprir.

Bassotto (2018) colabora com os resultados ao apontar que as famílias brasileiras possuem tendências a não conseguirem fazer uma “poupança”, e se endividarem de forma compulsiva e, em aspecto geral, de não conseguirem administrar seus recursos financeiros, o que é visto de forma negativa no Brasil, pois ainda é pouco ensinado como ser gestor financeiro de suas finanças. Em suma, os autores Luz, Ayres, Melo (2019) observaram que, quanto mais as famílias fazem o uso de ferramentas financeiras, como guardar uma parte dos rendimentos como reserva, por exemplo, menos acontecem conflitos e mais seguro fica o dia a dia da família. Ainda identificaram que o tema “orçamento familiar” é de conhecimento das famílias, porém, por falta de constância e disciplina, a prática não acontece na proporção que deveria acontecer, reforçando a importância de reter conhecimento e saber aplicar na prática. Enfim, o próximo capítulo objetiva explorar e identificar os meios de acompanhamento mensal nas famílias, bem como apontar como as famílias fazem uso de produtos de crédito e investimentos.

Formas de pagamento, produtos de crédito e investimento

Este capítulo tem por finalidade buscar compreender e analisar questões relacionadas ao conhecimento financeiro familiar, como formas de pagamento, produtos de crédito e produtos de investimentos, abaixo identificada pela Tabela 03.

Tabela 03 - Formas de pagamento, produtos de crédito e investimento:

Você e sua família tem o hábito de fazer o acompanhamento dos gastos mensais?	%
Sim	82,8%
Não	17,2%
Ao realizar uma compra, você e sua família:	%
Planejam com antecedência	31,8%
Atendem a necessidade	36,8%
Aproveitam uma promoção	25,2%
Outros	4,6%
Adquirem um novo modelo	1,5%
Qual a forma de pagamento que vocês utilizam com maior frequência para adquirir produtos? (Ex: eletrodomésticos...)	%
Dinheiro ou débito	45,6%
Cartão de crédito	37,5%
Boleto	12,3%
Carnê	3,4%
Outros	1,1%
Qual meio de pagamento você e sua família utilizam com maior frequência? (Ex: compra de móveis, eletro elétricos...)	%
Cartão de crédito	40,2%
Dinheiro ou débito	38,7%
Boleto	14,2%
Carnê	6,5%
Outros	0,4%

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

É expressivo o número de acadêmicos que afirmam que suas famílias possuem o hábito de monitorar os gastos familiares mensais (82,8%), correspondendo a 216 famílias. Já quando questionado em relação à hora da efetivação de uma compra, 83 famílias buscam, em primeiro lugar, planejar com antecedência, e 66 famílias procuram uma promoção como

ponto principal na tomada de decisão. Já quando questionados qual a forma de pagamento mais utilizado pelas famílias é identificada que 45,6% utilizam com maior frequência o pagamento com dinheiro em espécie e débito, seguido pelo uso do cartão de crédito. Em contrapartida, é possível analisar que, quando perguntado qual o meio mais utilizado, nota-se em maior percentual as famílias que usam o cartão de crédito 40,2%, subsequente a utilização do dinheiro e débito como meio mais utilizado 38,7%. Vale destacar que a utilização do cartão de crédito não é mais vista de forma negativa, pois os bancos, financeiras, cooperativas, empresas que dispõem de cartão de crédito oferecem vários benefícios para seus clientes que fazem a utilização do mesmo, e também para adquirir um cartão de crédito, é preciso estar adimplente perante o mercado, e o limite de crédito é construído a partir do perfil de cada indivíduo, levantando questões como renda e “score”, adequando o limite a realidade de cada um, assim, objetivando o bom senso na hora da utilização do instrumento de crédito.

Observa-se que, mesmo que haja essa pequena diferença quanto à forma e meio de pagamento, ambos podem se justificar pela questão já apresentada em capítulo anterior, quando se notou que o nível de endividamento mais representativo é proveniente da utilização do cartão de crédito, porém, ainda assim, as famílias conseguem se organizar. Além do mais, há um recurso disponível para fazer pagamentos à vista, com a utilização de dinheiro e débito, decorrentes de reservas feitas pela família, como enaltecido na Tabela 03. Frossad e Zoboli (2020) salientam que as famílias, em sua grande maioria, possuem o hábito de fazer o acompanhamento dos gastos mensais e ainda utilizam como forma e meio de pagamento o cartão de crédito com maior representatividade. Ainda, verificaram que, mesmo as famílias que utilizam o cartão de crédito como principal ferramenta de pagamento, possuem um baixo nível de endividamento, e a proporção de famílias inadimplentes ou negativadas no mercado é considerada baixa.

Contudo, Tefen (2020), ao averiguar o grau de conhecimento sobre educação financeira com estudantes de ensino fundamental e médio, identificou que a maioria identifica discussões do tema com suas famílias, ou seja, os pais conversam sobre o assunto e buscam ensinar aos filhos sobre finanças. Dessa forma, os estudantes costumam guardar uma parte do que ganham, seja mesada ou outros meios. Entretanto, quando questionados sobre meios de utilização de crédito, o autor conclui que os adolescentes não possuem um conhecimento assertivo da funcionalidade do cartão de crédito, como ele funciona, como acontece o pagamento da fatura, parcelamentos e ainda o alto índice de juros, caso

aconteça um atraso, por exemplo. Porém, a utilização do cartão de crédito continua sendo o meio mais conhecido pelos estudantes e mais utilizado por suas famílias.

Ainda, Silva (2022), ao analisar o nível da educação financeira de universitários de uma Universidade Federal do Estado de Minas Gerais, concluiu que os universitários fazem acompanhamento dos gastos mensais e ainda utilizam meios para conseguir poupar. Ao discernir sobre a utilização do acompanhamento dos gastos mensais e formas e meios de pagamentos, verifica-se a cautela das famílias, como o bom senso na utilização das ferramentas de crédito. Assim, para finalizar as análises desta pesquisa, o último capítulo irá apresentar discussões acerca das decisões de consumo, crédito, investimentos e tomada de decisão.

Decisões de consumo, crédito, investimentos e tomada de decisão

O último bloco estratégico compreende o planejamento familiar em relação às decisões de compra, crédito, investimentos e de tomada de decisão:

Tabela 04 - Planejamento familiar em relação às decisões de consumo, crédito, investimentos e tomada de decisão.

Como você classifica o conhecimento da sua família de 0 a 5 (0-nenhum, 5-conheço tudo)	%
0	0%
1	1,5%
2	11,5%
3	37,2%
4	36,8%
5	13%
Sua família gasta recursos financeiros antes de obtê-los?	%
Discordo muito	19,9%
Discordo	35,6%
Sem opinião	33,3%
Concordo	10%
Concordo muito	1,1%
Sua família discute com os membros sobre como gastar os recursos financeiros:	%
Discordo muito	0,8%
Discordo	4,6%

Sem opinião	23,8%
Concordo	54%
Concordo muito	16,9%
Ao decidir sobre produtos financeiros ou empréstimos, sua família considera as opções de diferentes empresas, financeiras, bancos:	
Discordo muito	2,3%
Discordo	7,7%
Sem opinião	28,7%
Concordo	44,4%
Concordo muito	16,9%
Você entende de finanças pessoais?	
Sim	78,2%
Não	21,8%
Se sim, aonde você aprendeu?	
Família	39,9%
Sozinho	26,3%
Escola / Universidade	20,7%
Outros	13,1%

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Nota-se maior proporção de respondentes que consideram o nível de conhecimento financeiro familiar como nível 3 e nível 4, assim, mais da metade obtém um conhecimento bom, ou muito bom sobre o planejamento financeiro familiar. À vista disso, Araújo (2022), ao estudar o impacto da educação financeira na saúde de jovens universitários, notabiliza que, quanto maior o nível de conhecimento financeiro dos jovens, maior é o índice de saúde financeira, impactando positivamente em suas vidas, assegurando e possibilitando habilidades essenciais que fomentam a construção de um pensamento crítico quanto suas finanças, capacitando-os financeiramente.

Filho, Silva e Levino (2020) concluíram em sua pesquisa com discentes da Universidade Federal de Alagoas acerca do comportamento financeiro, que os mesmos fazem utilização de acompanhamento dos gastos mensais, e essa é uma real preocupação dos jovens. No entanto, em relação ao comportamento de crédito e tomada de decisão, identificou-se uma grande cautela, em que os jovens buscam sempre realizar pesquisas de mercado, analisando diferentes opções, para obtenção de melhores ofertas, com melhor custo benefício. Assim, ao investigar o grau de concordância sobre a utilização de recursos

financeiros antes de obtê-los, 52 discordam muito e 93 apenas discordam. Em seguida, quando questionado se as famílias discutem com os membros sobre como gastar o dinheiro familiar, mais que 50% concorda que é discutido, e a mesma perspectiva é vista na discussão familiar na aquisição de um novo produto financeiro. Fernandes, et al, (2021), ao averiguar as mudanças de consumo das famílias em tempo de Covid-19, conclui que grande parte das famílias já possuía um tipo de planejamento financeiro familiar, analisando com os membros da família as opções mais viáveis na obtenção de crédito. Porém, com o cenário incerto que a Covid-19 trouxe, as observações e discussões acerca das decisões financeiras ocorreram de forma mais minuciosa. Sendo assim, as famílias conseguiram manter e administrar seus recursos no decorrer da pandemia, de acordo com seus rendimentos.

Já quando perguntado se os jovens entendem sobre finanças pessoais, 78,2% confirmam que existe o conhecimento e apenas 21,8% diz que não entende. Quando interrogado por qual meio este conhecimento financeiro foi adquirido, repara-se a maior concentração de respondentes que identificam o conhecimento proveniente pelo âmbito familiar, e o pode refletir a convivência familiar, pois como apresentando no primeiro bloco, Tabela 01, a maior proporção de acadêmicos ainda residem com suas famílias. Silva (2021) integraliza, com jovens em fase de conclusão escolar, a importância de adquirirem conhecimentos financeiros já na adolescência. Ainda adiciona que os adolescentes possuem conhecimentos financeiros e sabem a importância de se discutir sobre as questões e decisões financeiras em família. Além do mais, enfatizam que é de responsabilidade dos pais ensinarem sobre educação financeira, e frisam que os conhecimentos financeiros devem e são adquiridos por meio de suas famílias, antes mesmo do que pelo âmbito escolar.

Ainda Silva, et al, (2022), ao estudar o índice de educação financeira de estudantes do ensino médio de escolas públicas, frisa em maior proporção o conhecimento financeiro adquirido por intermediação das famílias, e insuficiência do conhecimento transmitido pela escola. E, ao visar o nível de educação financeira dos estudantes, há mais domínio de assuntos básicos, como planejamento financeiro, ferramentas de crédito e poupança. Por fim, os jovens e suas famílias possuem um bom índice de conhecimento básico sobre finanças, e este conhecimento é aplicado de forma consciente nas decisões de consumo e crédito. Os jovens também identificam e reconhecem que seus conhecimentos financeiros, em maior proporção, são provenientes de suas famílias. Uma vez exposto as principais análises, apresenta-se as principais considerações finais.

Considerações finais

A pesquisa teve como objetivo analisar a visão de jovens universitários devidamente matriculados em instituições de Ensino Superior do Oeste de Santa Catarina, em relação à vida financeira familiar, em aspectos de consumo, crédito, investimentos e tomada de decisão, por meio de aplicação de questionário. Para isso, realizou-se uma pesquisa teórico-empírica, descritiva e quantitativa com 260 acadêmicos.

Evidencia-se que há predominância do público feminino entre 21 a 25 anos, que residem com suas famílias, o que pode influenciar na participação predominante dos jovens na vida financeira familiar. Os jovens são conhecedores do que acontece com os recursos em casa, identificando que suas famílias costumam guardar e aplicar parte dos rendimentos. Bem como, mesmo com a perda total de rendimentos no meio familiar, as famílias conseguem manter o atual padrão de vida por cerca de 3 meses, o que comprova que existe, de fato, fontes de reserva, que auxiliam com adversidades e trazem uma margem de segurança.

Em relação ao complemento de INSS, não fica tão evidenciado a preocupação em fazer uma reserva de aposentadoria. Nem a metade dos entrevistados apresenta a existência do complemento no meio familiar e, para aqueles que fazem, a poupança e a previdência privada são os meios de aplicação mais comuns e tradicionais, apresentando o baixo índice de conhecimento e a resistência com aplicações em ações ou outros meios, o que apresenta carência no conhecimento financeiro aprofundado.

Concernente à aquisição de produtos, evidencia-se que as famílias buscam fazer um planejamento de forma antecipada na aquisição de um bem, serviço, crédito ou investimento, planejam com antecedência, a fim de atender à necessidade, buscando promoções e analisando diversas opções disponíveis, objetivando as opções mais viáveis, com maior custo benefício, o que é identificado de forma positiva, pois não apresentam comportamentos compulsivos ou irresponsáveis. Já como forma de pagamento, comprova-se a utilização do débito ou dinheiro em espécie com maior frequência, o que relata boas condições financeiras e um bom planejamento, já que, para pagamentos à vista, precisa haver recurso disponível de forma imediata. E como meio de pagamento, é gradativamente mais utilizado o cartão de crédito. Lembrando que a utilização do cartão de crédito não é mais vista como uma forma de pagamento negativa, ou relata que o consumidor não possui recurso. Existem diversos benefícios ofertados pelos bancos, cooperativas, financeiras, para

aqueles que utilizam o cartão de crédito, reforçando que é uma excelente opção de pagamento para aqueles que conseguem utilizar de forma consciente. Ainda é utilizada como forma de estratégia, pois se podem deixar aplicados os rendimentos e apenas se resgata o necessário para fazer o pagamento da fatura. Identifica-se, também, a baixa procura por pagamentos por meio de boletos ou carnê, o que pode ser reflexo do mundo globalizado e digitalizado, assim, gradativamente, estas formas de pagamentos serão menos procuradas.

Em contexto geral, as famílias apresentam planejamento financeiro, utilizando meios saudáveis para obtenção de crédito, bons costumes e administração dos recursos, não fazendo com que a família entre em um estado de endividamento, o qual se apresenta em baixo nível da pesquisa. Apesar das famílias possuírem contas a pagar, com a utilização do cartão de crédito, os débitos, em sua grande maioria, são supridos dentro dos prazos, tornando as famílias adimplentes perante o mercado financeiro. As famílias possuem o hábito de abrir as questões financeiras com os participantes do grupo familiar. Assim sendo, o conhecimento sobre o tema educação financeira, em sua maior proporção, é proveniente no âmbito familiar.

O presente trabalho é uma alusão à educação financeira, sendo que os resultados podem proporcionar conhecimentos e análises de como se encontram as questões financeiras familiares, e como se encontra o nível de conhecimento financeiro de jovens universitários, mencionando diversos aspectos, considerando que as finanças familiares desempenham um papel importante na melhoria da segurança e qualidade de vida. A educação financeira precisa ser estudada e difundida, sendo necessário seu conhecimento, já que o planejamento financeiro participa ativamente no desenvolvimento pessoal e familiar, refletindo ainda no meio social e na economia de um país.

Sugere-se, em pesquisas futuras, buscar respostas mais efetivas para, assim, melhorar os níveis de conhecimento financeiro pessoal e familiar, apresentando habilidades para lidar com as questões financeiras, com o intuito de intensificar a divulgação de informações acerca do tema, ampliando o conhecimento e o acesso à informação dos jovens em processo de formação. Apesar do trabalho ter atingido o objetivo, apresenta limitações. Uma das limitações é a falta de aprofundamento das questões, para compreensão e análises de alguns porquês, que remetem aos comportamentos apresentados. Sugere-se a realização de novos trabalhos abrangendo mais discussões. Outra sugestão seria direcionar a pesquisa com universitários de cursos relacionados às finanças e gestão, trazendo mais assertividade

com relação às questões, ou ainda trazendo comparativos de estudantes de finanças e gestão, e estudantes de outras áreas.

Referências

ARAÚJO, Marília de Almeida. **O impacto da Educação Financeira na saúde financeira de jovens universitários**. TCC (Administração). Universidade Federal de Santa Catarina, 2022.

ASSIS, Adryanne Maria Rodrigues Barreto; SANTOS, Laís Thalita Bezerra; OLIVEIRA, Anaelize dos Anjos; PESSOA, Cristiane Azevedo dos Santos. Reflexões sobre educação financeira escolar: o que é discutido em cursos de formação de professores dos aos iniciais e como ocorre na prática?. **Revista de Educação Matemática e Tecnológica Ibero-americana**, 2021.

BARBOSA, Havana Maria Oliveira; SANTANA, Laís Nascimento; SANTANA, Jéssica Carvalho; GALVÃO, Nadieli Maria dos Santos. Percepção de estudantes universitários sobre o impacto da pandemia nas finanças pessoais: um estudo na Universidade Federal de Sergipe, **Revista Fatec Zona Sul**, 2021.

BARRADAS, Maria da Conceição Marques. **Educação Financeira: Uma necessidade para os jovens consumidores**. Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná, Universidade Estadual de Londrina/UEL, 2016.

BASSOTTO, Lucas. **Educação financeira: problema para a maioria dos Brasileiros**. COINTIMES, 2018.

BAUMHAMMER, Paulo; SILVA, Mario Guilherme; COSTA, Marconi Freitas. Aspectos simbólicos do smartphone e o eu estendido: Um estudo do comportamento do consumidor Português. **Revista Interdisciplinar de Marketing, RIMAR**, 2017.

CABRAL, Marcel dos Santos; SILVA, Fabiula; SCHOTTEN, Paulo César; FACHIN, Solange. Educação financeira: a visão dos jovens universitários sobre as finanças familiares. **IV, Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação**, 2020.

CAMPOS, André Bernardo. **Investigando como a educação financeira critica pode contribuir para tomada de decisão de jovens indivíduos consumidores**. Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto de ciências exatas. Pós-graduação em educação matemática, Mestrado profissional em educação matemática, 2013.

CATHY, Faulcon Bowen. Financial knowledge of teens and their parents. **Journal of Financial Counseling and Planning**. 2002.

CAVALCANTE, Rivadavia Porto; DIAS, Rodrigo Carvalho. Desafio: Educação financeira ou sobrevivência. **Research, Society and Development**, 2022.

CLARKE, Maribeth; HEALTON, Martie; ISRAELSEN, Craig; EGGET, Dennis. The acquisition of family financial roles and responsibilities. **Family and Consumer Sciences Research Journal**, 2005.

CONFESSOR, Kliver Lamarthine Alves. (Re) conhecimento da educação financeira e finanças pessoais dos concluintes em Administração e Ciências Contábeis em Recife/PE: um estudo preliminar em duas faculdades do Recife/PE. **Revista Brasileira de Administração Científica**, 2021.

Dias. Educação financeira: Papel e importância no campo escolar. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, 2021.

FERNANDES, André Henrique de Souza; CANDIDO, João Gremmelmaier. Educação financeira e nível do endividamento: relato de pesquisa entre os estudantes de uma instituição de ensino da cidade de São Paulo. **Revista Eletrônica de Gestão e Serviços**, 2014.

FERNANDES, Pedro Matheus de Oliveira. **Planejamento financeiro para jovens Universitários ingressantes no mercado de trabalho**. Monografia (Ciências Contábeis). Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, 2021.

FERRARI, Angélica; THEODORO, Aldecir José; SCALABRIN, Idionir; KAMMLER, Edson Luis; GIOLL, Paulo Roberto. Educação Financeira Familiar: uma contribuição quanto as percepções de planejamento, reserva e falta de dinheiro. **Revista Perspectiva - URI Erechim**, 2018.

FERREIRA, Igor Fernando. **Endividamento dos universitários: um estudo sobre perfil de consumo e educação financeira**. TCC/Gestão e Negócios, Universidade Federal de Uberlândia, 2021.

FERREIRA, Mateus; RABELO, Josélia Maria de Oliveira; SILVA, André Luiz; PARENTE, Juracy. Aspectos Comportamentais no Hábito de Poupar em Adultos Jovens: uma Comparação Entre Alta e Baixa Renda. **XVI SEMEAD, Seminários em Administração**, 2013.

FILHO, Walter Araújo de Lima; SILVA, Camila Tavares Correia; LEVINO, Natallya de Almeida. Comportamento financeiro pessoal: uma análise dos docentes da Universidade Federal de Alagoas. **Revista Sinergia**, 2020.

FROSSARD, Rafael Altoé; ZOBOLI, Joelma Aparecida. Planejamento do orçamento familiar: um estudo com as famílias dos discentes da área de gestão do Centro Universitário São Camilo, Espírito Santo. **Revista Cadernos Camilliani**, 2020.

- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. **5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.**
- GONÇALVES, Beatriz Eliza Renaud. **Controle financeiro dos estudantes de Ciências Contábeis.** TCC (Ciências Contábeis). Universidade Federal de Santa Catarina, 2022.
- GONÇALVES, Fábio José Domingues Poari; CAMPANO, Patrícia Coelho, MOREIRA, Eline GOUVEIA, Rheila Cristina Borges. **Educação Financeira no Ensino Médio.** TCC (Ciências Exatas), Universidade Federal de Goiás, 2019. Dissertação.
- HAYASHI, Carlos Hiroshi; FROM, Danieli Aparecida. **A importância da educação financeira e seu impacto nos níveis de inadimplência.** TCC (Ciências Contábeis e Ciências Econômicas), Universidade Federal de Goiás, 2019.
- JONSSON, Sara; SÖDERBERG, Inga-lill; WILHELMSSON, Mats. Investigation of the impact of financial literacy, risk attitude, and saving motives on the attenuation of mutual fund investors' disposition bias. **Managerial Finance**, v. 43, n. 3, p.1-29, 2017.
- LAUREANO, Antonia Ilânia Rodrigues; MENDES, Daniel Paiva; MATTOS, Sergio Horta. Educação financeira: um estudo com os discentes do curso de Administração de uma Instituição de Ensino Superior. **Revista Expressão Católica**, 2019.
- LUZ, Elton John Ferreira; AYRES, Marcos Aurélio Cavalcante; MELO, Maria Aldiléia Silva. Orçamento familiar: uma análise acerca da educação financeira. **Revista Humanidades e Inovação**, 2019.
- MAGALHAES, Rachel Christine; MONTREUIL, Charles Ulises. A Educação Financeira na Tomada de Decisões dos jovens universitários: Um Estudo considerando as Novas Tecnologias Bancárias e Digitais. **Revista do Mestrados Profissionais**, 2019.
- MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada.** 6 ed, 2012.
- MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing.** 3. ed. São Paulo: [s.n.], 2001.
- MOURA, Rodão Alves. Consumo ou consumismo: uma necessidade humana? **Revista Faculdade de Direito São Bernardo do Campo**, 2018.
- MURAKAMIL, Caroline; SOUZA, Maria Cecília; CARON, Antoninho. Importância e contribuições do orçamento familiar para a saúde financeira dos brasileiros, FAE Centro Universitário, **Núcleo de Pesquisa Acadêmica**, NPA, 2020.
- NUNES, Fabiano Pamato; SILVA, Marcelo Sczymczak; COSTA, Alexandre Marino. A influência da educação financeira nas decisões de consumo e poupança: suas relações com a adimplência e inadimplência. **Revista Eletrônica Ciências da Administração e Turismo**, 2017.

OCDE - Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico. Assessoria de Comunicação Social. **OECD's Financial Education Project**, 2005.

OCDE/CVM. Recomendação sobre os Princípios e as Boas Práticas de Educação e Conscientização Financeira. **Centro OCDE/CVM de Educação e Alfabetização Financeira para América Latina e o Caribe**, 2005.

OLIVERI, Maria de Fátima Abud. Educação Financeira. **Revista ENIAC Pesquisa**, Guarulhos (SP), 2013.

PEPPE, Lilian Brazile. **Perspectiva da Educação Financeira: uma análise didática**. Universidade Federal de Juiz de Fora/MG, 2015.

PESSOA, Cristiane Azevedo dos Santos; JUNIOR, Ivail Muniz; KISTERMANN, Marco Aurélio Jr. Cenários sobre a educação financeira escolar: entrelaçamentos entre a pesquisa, o currículo e a sala de aula de Matemática. **Revista de Educação Matemática e Tecnológica**, 2018.

PRADO, André Brisola Brito. **Educação financeira: a visão de jovens universitários sobre as finanças familiares**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC, 2015. Dissertação.

RODRIGUES, Emanuel dos Santos. **Acesso ao crédito e inadimplência de jovens universitários: o caso da Universidade Federal Rural de Pernambuco**, TCC (Ciências do Consumo). Universidade Federal de Pernambuco, 2022.

SANTOS, Barbara Cristina Mathias; MENEZES, Adriane Melo de Castro; RODRIGUES, Chang Kuo. Finanças é Assunto de Criança? Uma Proposta de Educação Financeira nos Anos Iniciais. **Revista BOEM**, Florianópolis, 2016.

SANTOS, Danielly dos Santos; RODRIGUES, Fernanda Izabela Aparecida. **A influência das mídias digitais e mídias sociais no comportamento de compra online dos consumidores universitários de Administração durante a COVID-19**. Universidade Federal de Santa Catarina Centro Socioeconômico Departamento de Ciências da Administração, 2021.

SANTOS, Deborah Oliveira; CRUZ, Rafaela Costa. O Indivíduo diante de seus Processos de Decisão: dois Olhares sobre a Temática Comportamento do Consumidor. **Terceiro encontro de Marketing da ANPAD**, Curitiba/PA, 2008.

SANTOS, Deodete Cunha. **Educação financeira e planejamento financeiro para a aposentadoria: um estudo com alunos de pós-graduação**. Centro Universitário Alves Faria-UNIALFA, 2017. Dissertação.

SANTOS, Jéssica Lopes. **Um estudo sobre comportamento de jovens em relação ao poupar ou não seu dinheiro**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração e Departamento de Ciências Administrativas, 2021.

SANTOS, Keila Lemes; MARTINUIK, Viviane Cristina. Planejamento Financeiro Familiar: Uma ferramenta para gestão e controle das Finanças. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT**, 2021.

SARMENTO, Gisele Sousa de Moraes. Educação Financeira: Uma influência positiva na vida das pessoas. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, 2021.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. Paradigmas da Educação Financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública – RAP**, 2007.

SCHMITZ, Leonardo Rafael; PIOVESAN, Jaíne Ionara; BRAUM, Maria dos Santos. Finanças pessoais: percepções sobre a alfabetização financeira e o bem estar financeiro. **Brazilian Journal of Business**, 2021.

SECCO, Carlos Frederico Cruz; OLIVEIRA, Elda Messias; AMORIM, Rafael Martins. Comportamento do consumidor: Fatores que determinam o processo de compra no mercado varejista em Palmas/TO. **Revista Científica do ITPAC, Araguaína**, 2014.

SEHN, Cláudia Adriane; FEIL, Alexandre André. Análise da ferramenta orçamento familiar. **Revista Eletrônica de Administração**, 2018.

SILVA, Ana Luiza Paz; BENEVIDES, Felipe Torres; DUARTE, Flávio Viana; OLIVEIRA, Jellinek da Nobrega; CORDEIRO, Rebeca. Finanças pessoais: análise do nível de Educação Financeira de jovens estudantes do Instituto Federal da Paraíba. **Revista Principia**. João Pessoa, 2018.

SILVA, Cátia Oliveira; PEREIRA, Francisco Sérgio; ANASTÁCIO, Renato Nascimento Silva; MOREIRA, Denilson Nunes. Comportamento do consumidor e sua decisão no ato da compra - uma revisão de literatura. **Revista Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, 2021.

SILVA, Cleiton Rodrigues; GARCIA, Sandra da Cruz; SOUZA, Wander Pereira; SILVA, Viviane Barrozo; SILVA, Davy Ítalo Ribeiro. Educação Financeira e sua influência entre estudantes do 1º e 2º ano do Ensino Médio em escolas públicas. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 6, 2022.

SILVA, Felipe dos Santos Moura. **Educação Financeira: a importância e a percepção dos alunos de graduação em Ciências Contábeis de uma Universidade Federal do estado de Minas Gerais sobre o tema**. Trabalho de conclusão de curso (Ciências Contábeis). FACIC, 2022.

SILVA, Jordana Souza; SILVA, Claudécir Barbosa. **Finanças pessoais: como os alunos do 3º ano do Ensino Médio administram suas finanças.** Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Administração de Empresas Integradas de Taquara/FACCAT, 2021.

SILVA, Valdemir José; MARTINS, Silvana; CONTO, Samuel; SALVI, Eloni. A importância da educação financeira na Universidade: um enfoque para a formação profissional e pessoal de estudantes universitários, **Revista Extensão e Cidadania**, 2019.

SILVA, Yasmin. Educação financeira: a importância da estabilidade financeira na vida dos universitários, **PUC Rio**, 2019.

SOUSA, Francisco César; CASTILHO, Weimar Silva; SENNA, Mary Lúcia Gomes Silveira;

SOUZA, Rodrigo. **A educação financeira: planejamento.** Trabalho Conclusão de Curso (Ciências Econômicas). Universidade do Sul de Santa Catarina, 2019.

TEFEN, Luiz Eduardo. **Educação financeira no Brasil.** Trabalho Conclusão de Curso (Ciências Econômicas). Universidade Federal de Santa Catarina, 2022.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 3. ed. Rio de Janeiro, 2002.

VISENTINI, Lucas; WEINGARTNER, Tiago da Silva. Educação Financeira: uma análise dos conhecimentos de estudantes relacionados a finanças em uma escola de ensino médio, **Revista Sociais e Humanas**, 2018.

WATAYA, Roberto Sussumu; FRAUCHES, Patricia; BERGAMO, Andressa Ferreira. Finanças pessoais na palma da mão: Um relato de experiência. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, 2020.

WEBLEY, Paul; NYHUS, Ellen K. Parents' influence on children's future orientation and saving. **Journal of Economic Psychology**, 27: 140-164, 2006.